



**CULTURA DE INTERDISCIPLINARIDADE E DESAFIOS NO
CONTEXTO INSTITUCIONAL:
uma reflexão inicial**

Luciana Florentino Novo*

RESUMO

A interdisciplinaridade tem se configurado como um dos temas mais discutidos pela comunidade científica e acadêmica. Tal centralidade conferida ao assunto deriva dos desafios, dotados de elevada complexidade, que estão sendo colocados à ciência moderna; para os quais o conhecimento fragmentado e disciplinar, não tem conseguido equacionar. Desse modo, a produção de conhecimento interdisciplinar configura-se como uma alternativa, um caminho importante a ser trilhado. Neste entorno, este trabalho suscita uma reflexão inicial acerca dos obstáculos e desafios postos à universidade e seus gestores para que a prática interdisciplinar passe a configurar dentre os elementos integrantes da cultura universitária.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Cultura Universitária. Mudança de mentalidade.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva interdisciplinar tem se desenvolvido de modo expressivo nas últimas décadas, passando a ocupar uma verdadeira centralidade nas discussões acadêmicas e científicas ligadas à evolução do conhecimento. Os intensos debates acerca do tema encontram-se inscritos em um amplo movimento voltado a repensar o avanço da ciência e tecnologia - avanço, que marcadamente tem demonstrado resultados contraditórios: benefícios de um lado e inúmeros riscos à vida sob suas diferentes manifestações, de outro (ALVARENGA et al., 2011).

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UFRGS). E-mail: luciana_novo@yahoo.com.br

Essa dualidade apresenta relação com o paradigma que preside a ciência moderna, caracterizado por um pensamento simplificador, reducionista e fragmentado – o qual exerceu um papel fundamental para o desenvolvimento do conhecimento, mas que já não consegue abarcar a complexidade dos fenômenos contemporâneos que permeiam o planeta. Desse modo, a perspectiva interdisciplinar emerge como uma importante alternativa na produção de um conhecimento inovador e complementar ao conhecimento disciplinar (ALVARENGA et al., 2011).

Tal proposta marca presença em discursos, recomendações e orientações estratégicas emitidas em âmbito nacional e internacional. Dentre tais orientações, figuram àquelas materializadas em documentos emitidos por organismos internacionais, com notável força política, como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), os quais têm apontado a importância de desenvolver-se um estímulo ao diálogo e à construção interdisciplinar. Indicam ainda, ser este um caminho voltado à superação de diversos desafios que vem sendo colocados à educação, assim como um percurso a ser trilhado, tendo como norte a geração de um conhecimento inovador - capaz de contribuir de modo mais efetivo para o desenvolvimento econômico e social das nações, ao mesmo tempo em que atua no sentido de promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Tais recomendações são reveladoras de aproximações com as políticas públicas voltadas à Educação Superior Brasileira, concretizadas em experiências nacionais, algumas já bem consolidadas, como é o caso de alguns programas de pós-graduação; e outras bastante recentes, muitas das quais desenvolvidas em instituições universitárias bem jovens (com suas identidades ainda em processo de construção), figurando dentre elas as universidades criadas sob os auspícios do Programa REUNI,¹. Com relação a esse aspecto, Ribeiro, Zanirato e Villar (2011, p. 677) citam que apesar do apego à tradição disciplinar – tão característico das universidades – o cenário tem demonstrado a ocorrência de modificações, ao passo que, “emergem novas formas de organização universitária que arejam as instituições e abrem perspectivas de novos arranjos institucionais e de poder universitários”.

Porém, ainda que se constate a existência de diversas experiências sendo conduzidas no país e, o crescimento da área interdisciplinar da CAPES confirma tal movimento; deve-se reconhecer que a interdisciplinaridade ainda configura-se em um desafio a ser superado em diversos âmbitos, exigindo uma abertura ao diálogo e à cooperação com áreas do conhecimento que talvez jamais imaginadas anteriormente, ou seja, prescinde de uma nova

¹ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

postura intelectual (RAYNAUT, 2011) por parte dos especialistas (cuja formação seguiu o modelo disciplinar); ao mesmo tempo, em que exige alterações no âmbito institucional, especialmente no que tange à cultura organizacional² que permeia a universidade. Toca-se aí em um ponto fundamental na compreensão das ações dos indivíduos que integram uma determinada organização ou sociedade, ao passo que a cultura refere-se a um padrão coletivo quanto ao modo de sentir, agir, perceber e pensar.

Neste sentido, ao adentrar na temática, importante fazer referência ao autor mais mencionado em estudos que abordam esse objeto (FREITAS, 2007), teórico que trouxe importantes contribuições, tanto no plano conceitual como metodológico (FLEURY, 2010), trata-se de Edgar Schein³.

O autor considera a cultura organizacional como envolvendo tanto elementos visíveis como invisíveis, os quais devem ser identificados e compreendidos em sua essência, para que possa ser conduzido um processo de mudança cultural com maiores chances de êxito. Daí a importância e a complexidade que permeia o assunto.

Desse modo, com vistas a dar maior concretude e visibilidade à abordagem proposta, Schein faz uma analogia da cultura com a figura de um *iceberg*, onde a parte que está submersa (invisível) constitui os aspectos bastante enraizados e consolidados da cultura que permeia a organização. Trata-se de elementos mais difíceis de serem modificados, pois relacionam-se a crenças, a verdades estabelecidas que não são questionadas e a pressupostos inconscientes.

Diante de tais aspectos, este trabalho, busca trazer à tona algumas reflexões iniciais acerca dos obstáculos individuais e, sobretudo, institucionais à interdisciplinaridade, assim como ao desafio de promover-se uma cultura institucional interdisciplinar no âmbito universitário; apresentando-se como referencial teórico iluminador quanto ao tema cultura organizacional, Fleury (2010), Freitas (2007) e Schein (1984), e quanto à interdisciplinaridade, destacadamente, Pombo (2005) Leis (2005; 2011), Alvarenga (et al., 2011), Luzzi e Philippi Jr. (2011), Raynaut (2011) dentre outros de destacada importância na abordagem ao tema.

² Esclarece-se que neste trabalho adotar-se-á os termos organizacional e institucional como equivalentes.

³ Um dos consagrados teóricos a abordar o tema cultura organizacional. De acordo com Edgar Schein, a cultura de uma organização apresenta três níveis – do visível (ponta *iceberg*) ao invisível (base do *iceberg*): a) nível dos artefatos visíveis: arquitetura organizacional, vestimentas, histórias, documentos públicos, etc. São fáceis de se obter, mas difíceis de serem interpretados. b) nível dos valores que governam o comportamento das pessoas: em geral representam os valores manifestos da cultura. São difíceis de se observar diretamente, exigindo entrevistas com informantes chave e/ou análise de conteúdo de documentos formais da organização. As razões subjacentes ao comportamento, no entanto, mantêm-se às escondidas ou inconscientes. c) nível dos pressupostos inconscientes: são os pressupostos que determinam como os integrantes da organização percebem, sentem e pensam (FLEURY, 2010).

2 INTERDISCIPLINARIDADE

As discussões voltadas ao avanço do conhecimento, marcadamente nas últimas décadas, têm conferido à interdisciplinaridade um lugar de grande destaque nos ambientes acadêmico e científico. Embora sua gênese remonte às ideias do pensamento grego e medieval, seu primeiro registro, de acordo com Klein (2005), data do início do século passado, junto aos movimentos de reformas curriculares de universidades norte-americanas e nos relatórios do **Social Science Research Council** (LEIS, 2011).

A partir de 1940, Leis (2011) aponta que a interdisciplinaridade passa retoricamente a ser considerada condição essencial do ensino e da pesquisa, porém, sem que isso chegasse a gerar mudanças significativas no plano institucional, tanto nas agências de fomento à pesquisa, quanto nas instituições universitárias. Leonir e Hasni (2004) citam o avanço do emprego do termo, assim como do pensamento interdisciplinar na segunda metade do século XX, cujo impulso pode ser atribuído ao **I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade**, realizado na Universidade de Nice (França) em 1970.

A partir de então, as discussões envoltas ao tema passaram a constar na pauta de eventos científicos internacionais, recebendo, inclusive o apoio de organismos internacionais, em especial pela UNESCO – o que contribuiu decisivamente para que a interdisciplinaridade apresentasse diversos desdobramentos no campo educacional e do conhecimento, ganhando destaque em diversas partes do mundo (ALVARENGA et al., 2011).

Na década de 1970, Japiassú trouxe uma importante contribuição ao tema, ao publicar a clássica obra **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. O autor entende a interdisciplinaridade como referindo-se a um processo de comunicação entre diferentes disciplinas, capaz de resultar em uma modificação entre elas, por meio do estabelecimento de um diálogo; não considerando que, apenas a troca de ideias entre as distintas disciplinas configure-se em uma prática interdisciplinar.

Várias décadas transcorreram desde essa importante obra de Japiassú, circulando na atualidade diversos conceitos possíveis sobre a interdisciplinaridade (LUZZI; PHILIPPI JR., 2011), existindo dificuldade de se estabelecer um consenso, até por tratar-se de um campo que pode ser considerado em processo de construção.

Para a Capes (2008, p. 2, grifo nosso), a interdisciplinaridade diz respeito a:

Uma nova forma de produção de conhecimento porque **implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias**, e graus crescentes de

intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos com maior complexidade.

Leis (2011) traz importante contribuição quanto ao esclarecimento a respeito da interdisciplinaridade no trecho a seguir:

A prática da interdisciplinaridade não supõe uma negação das bases epistemológicas das disciplinas, como no caso da transdisciplinaridade, mas também não pretende deixar intacto o monopólio epistemológico das disciplinas, como no caso da multidisciplinaridade [...]. A prática da interdisciplinaridade supõe o equilíbrio de dois aspectos, por um lado, uma visão integradora de diversas disciplinas e, por outro, um salto cognitivo que não esteja pressuposto em qualquer somatória de abordagens disciplinares (LEIS, 2011, p. 110).

Claude Raynaut, antropólogo francês, com larga experiência em interdisciplinaridade, que colaborou decisivamente para a implantação de programas de pós-graduação interdisciplinares no Brasil salienta que:

A interdisciplinaridade é sempre um processo de diálogo entre disciplinas firmemente estabelecidas em sua identidade teórica e metodológica, mas conscientes de seus limites e do caráter parcial do recorte da realidade sobre o qual operam. Isso implica, por parte dos pesquisadores, respeitar o saber produzido por outras disciplinas, recusando qualquer hierarquia a priori entre elas [...]. (RAYNAUT, 2011, p. 103).

Importante se faz destacar que existem movimentos interdisciplinares que partem de diferentes premissas, sendo capazes de conduzir a caminhos que em um primeiro olhar podem ser vislumbrados como divergentes entre si, ainda que não menos válidos sob o prisma interdisciplinar. Quanto a esse aspecto, Lenoir e Hasni (2004), desenvolveram uma classificação bastante referenciada, tendo por base diferentes finalidades/racionalidades da interdisciplinaridade, ao mesmo tempo em que consideram as culturas nacionais.

Assim, propõem que, na cultura francesa, a interdisciplinaridade apresenta um “caráter reflexivo e crítico, que pode estar orientado para a unificação do saber científico ou também para um trabalho de reflexão epistemológico sobre os saberes disciplinares” (LEIS, 2005, p. 7). Diferentemente, nos Estados Unidos, a opção pela interdisciplinaridade encontra-se mais voltada a uma lógica instrumental, visto que na concepção norte-americana, a emancipação humana não se encontra diretamente relacionada aos conhecimentos obtidos, mas na capacidade de ação em relação ao mundo; sendo, portanto, destacada a importância de uma formação direcionada ao mercado de trabalho. Neste contexto, conforme destaca Leis (2005, p. 7-8), a interdisciplinaridade pode ser pensada visando a busca de novas respostas, de novas soluções aos problemas existentes, porém, “sempre estará atrelada à busca de respostas

instrumentais para perguntas não menos instrumentais (mas nunca ao avanço do conhecimento pelo conhecimento).”

Quanto ao modelo brasileiro de interdisciplinaridade, conforme discorre Ivani Fazenda, tem seu principal vetor centrado no docente ou pesquisador, ou seja, o mesmo não se caracteriza primariamente como reflexivo ou instrumental; mas, tendo por finalidade “a busca da realização do ser humano, promovendo uma concentração integradora no próprio *self*. Postulando uma perspectiva afetiva, a interdisciplinaridade procura responder perguntas pessoais dos participantes.” (LEIS, 2005, p. 8).

Importante se faz mencionar que tais visões a respeito da interdisciplinaridade, devem ser entendidas como constituindo tipos ideais, e não realidades encerradas em si próprias. Assim, as mesmas podem ser consideradas excludentes, apenas se for efetuada uma análise sob o prisma da disciplinaridade. Porém, ao efetuar-se tal análise considerando a perspectiva interdisciplinar, as mesmas (três visões) podem ser tidas mais complementares do que excludentes.

Quanto a esse aspecto, Leis (2005) compartilha do posicionamento de Lenoir e Hasni (2004), ao defenderem a concepção da interdisciplinaridade integrando estas três visões, visto que a prática interdisciplinar deve contemplar a complementação de conhecimentos ligados a diferentes disciplinas. Neste sentido, os autores citam que a interdisciplinaridade está relacionada à busca de um equilíbrio entre os pontos de vista marcados pelas lógicas racional, instrumental e subjetiva; questão que parece evidenciar a consideração do axioma do Terceiro Termo Incluído. Ou seja, que pode existir um termo T que é A e concomitantemente não-A; permitindo seguir a lógica do E + E + E (integração de visões).

Ainda no que tange à defesa da concepção integrada da interdisciplinaridade, Leis (2005, p. 8) esclarece que:

O fator determinante da interdisciplinaridade não pode ser buscado exclusivamente em torno das “necessidades” dos objetos, perguntando pelos seus significados nos planos ontológico e epistemológico; também as “necessidades” profissionais e sociais dos sujeitos não podem ser o fator determinante exclusivo; assim como tampouco as dimensões humanas intersubjetivas podem ser vistas como fator determinante exclusivo da interdisciplinaridade.

3 INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Ao longo da história da humanidade a evolução do conhecimento tem apresentado uma grande variação, em termos de velocidade e amplitude, podendo-se considerar o momento atual como um importante marco histórico, visto caracterizar-se por profundas

transformações (RAYNAUT, 2011), guiadas por um movimento de reflexão crítica a respeito dos avanços proporcionados pela ciência e tecnologia (conjugadas na tecnociência), cujos resultados apresentam um caráter de profunda ambivalência.

Tem-se assim, um avanço do conhecimento, que tem contribuído com o desenvolvimento em diversas esferas da sociedade (industrial, econômico...), ao mesmo tempo em que traz consigo diversos riscos capazes de comprometer a qualidade de vida do homem, e a própria vida no planeta, questão que Alvarenga (et al., 2011) sinaliza como decorrente do fato da tecnociência carecer de uma reflexão própria sobre os efeitos negativos que tem provocado ao longo dos tempos.

Neste entorno, a educação superior, e, em especial a universidade, vem sendo convocada a assumir novos compromissos e responsabilidades, dentre os quais figura a produção de um conhecimento científico e tecnológico comprometido com o homem, a natureza e a vida das futuras gerações.

Assim, a universidade brasileira, instituição de curta tradição (beirando apenas um século de existência), principalmente, quando comparada à longa história que apresenta em outros países, inclusive alguns latino americanos, a partir da Reforma de 1968, passou a abrigar a função de pesquisa - que passou a ser desenvolvida, em especial, junto à pós-graduação (RAMOS, 2009), colaborando desse modo para que lhe fosse atribuído o *status* de *locus* privilegiado de produção do conhecimento.

A instituição, herdeira do pensamento disciplinar, sob a égide da globalização e de especificidades locais, tem sido desafiada a conceder respostas, de modo destacado, por meio da produção de conhecimentos, capazes de fazer frente a inúmeros problemas sociais contemporâneos, revestidos de elevado grau de complexidade (FRANCO; RUBIN, 2012), para os quais, o conhecimento fragmentado e disciplinar - próprio do paradigma hegemônico que preside a ciência moderna - não tem conseguido equacionar.

Essa constatação tem gerado um cenário permeado por intensas discussões, as quais têm culminado com o lançar de críticas na direção da ciência e dos seus métodos, tendo em vista a fragilidade demonstrada por conceitos e teorias considerados como absolutos, gerando, assim, uma convergência na busca da superação do conhecimento disciplinar, fragmentado e dual (RUBIN, 2011). Emerge, então, um amplo movimento de reflexão e incentivo à adoção de “novos paradigmas, novas categorias de pensamento, novas metodologias de pesquisa e novas formas de ensino” (RAYNAUT, 2011, p. 69), capazes de fazer frente à complexidade desafiadora dos fenômenos que estão a permear o planeta.

Neste entorno, a interdisciplinaridade parece configurar-se em “um caminho que se impõe no contexto de multiplicidade e entrelaçamento de problemáticas” (FRANCO et al., 2013, p. 4) , passando a ocupar lugar de destaque nos debates acerca da produção científica, ao passo que busca ultrapassar as fronteiras disciplinares, cujas raízes remontam ao processo de construção do conhecimento científico moderno.

No que diz respeito à superação dos inúmeros desafios que vêm sendo lançados à ciência, diversas orientações têm sido emitidas; algumas materializadas em documentos com notável força política, emitidos por organismos internacionais (OECD, UNESCO,...), os quais têm apontado a importância da interdisciplinaridade, por tratar-se de um caminho voltado à superação de desafios postos à educação, assim como um percurso a ser trilhado, visando contribuir de modo mais decisivo para o desenvolvimento econômico e social das nações – orientações que, inclusive, se aproximam de diversas políticas norteadoras da Educação Superior Brasileira.

Como importante marco regulatório em âmbito nacional, tem-se o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) para o decênio 2011-2020, no qual, a CAPES confere um verdadeiro destaque à Multi e Interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa; reconhecendo a urgência da produção de um conhecimento constituído pela articulação de múltiplos olhares, teorias e metodologias, visto que o cenário da atualidade encontra-se permeado por problemas de elevada complexidade que estão a desafiar a ciência contemporânea.

Desse modo, encontra-se registrado um grande estímulo aos grupos de pesquisa e docentes para o desenvolvimento de propostas de novos programas de pós-graduação para a área, ou seja, reforça-se a existência de uma importante abertura de espaço para cursos de pós-graduação que não se enquadram nas conhecidas “caixinhas disciplinares” (BONACELLI, 2014).

Destaca-se que a Área Interdisciplinar é a que vem apresentando a maior taxa de crescimento nos últimos anos dentre as áreas de avaliação da CAPES, abrangendo, conforme dados do SNPG⁴, 289 Programas e Cursos de Pós-Graduação reconhecidos (CAPES, 2014). A Comissão da Área de Avaliação Interdisciplinar (CAInter) considera esse crescimento, como decorrência de dois fatores: a) a criação da própria Comissão, a qual propiciou a proposição de cursos em áreas interdisciplinares; b) a Comissão ter-se constituído em uma espécie de ‘abrigo’ para a proposta de novos cursos de pós-graduação em instituições universitárias criadas recentemente, portanto, sem um quadro docente consolidado em uma área disciplinar específica.

⁴ Sistema Nacional de Pós-Graduação. Dados atualizados em 20 de junho de 2014.

O PNPG (2011-2020), além de apontar para uma expansão ainda mais expressiva ao longo do decênio, destaca que “o carro-chefe do sistema deverá ser as experiências interdisciplinares” (BRASIL, 2010, p. 139), para as quais deverão prevalecer alguns parâmetros como: a instauração de programas, áreas de concentração e linhas de pesquisa que promovam a convergência de temas e o compartilhamento de problemas, em vez da sua mera agregação ou justaposição; a existência de pesquisadores com forte ancoragem disciplinar e formação diversificada; a instituição da orientação a ser conduzida por dois ou três professores, conforme os casos específicos e a flexibilização curricular, em molde supra departamental.

Ademais, encontra-se explicitado o compromisso em promover encontros científicos, nos quais, figurarão dentre os temas centrais, as questões associadas à Multi e Interdisciplinaridade como concepção e processo de produção do conhecimento (BRASIL, 2010) – compromisso que vem sendo materializado em eventos que tem impulsionado a ocorrência de importantes avanços nas discussões sobre o tema. Neste sentido, devendo-se registrar a realização do III Encontro Acadêmico Internacional – Interdisciplinaridade nas universidades brasileiras: resultados e desafios, onde a CAPES figura como instituição promotora juntamente com o FROPOP⁵, e que apresentou como um dos destaques as questões referentes à internalização e institucionalização da interdisciplinaridade nas universidades brasileiras.

Tais aspectos parecem sinalizadores da ocorrência de uma transição paradigmática (SANTOS, 1988), ou seja, um caminhar na direção de um novo paradigma, que busque superar a fragmentação do conhecimento, tendo sempre como norte o compromisso social (FRANCO, 2009).

4 CULTURA DE INTERDISCIPLINARIDADE NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

Em termos históricos, importante registrar que, no mundo clássico ou medieval, os estudiosos de diferentes áreas costumavam dialogar, compartilhando entre si seus conhecimentos; inexistindo a ideia de exclusão e total desinteresse entre os mesmos. Apresentava-se, portanto, um contexto que parece diferir consideravelmente do cenário capaz de ter inspirado Snow (1993) a desenvolver a obra “duas culturas” – na qual se refere à falta de comunicação existente, na Universidade de Cambridge, entre os cientistas de diferentes

⁵ Fórum de Pró-Reitores de Pós-Graduação e Pesquisa.

áreas do conhecimento (LEIS, 2005) – questão reveladora do paradigma dominante da ciência moderna.

Como herdeiro do pensamento disciplinar (AXT et al., 2011), o ambiente acadêmico tem demonstrado um número crescente de especializações, subespecializações e verdadeiras hiperespecializações, contando com pesquisadores e estudiosos frequentemente fechados em suas áreas de atuação, enclausurados em suas disciplinas, estabelecendo trocas restritas aos seus pares mais próximos. Tem-se aí um contexto que dificulta e por que não dizer, impede a comunicação, o intercâmbio entre grupos e setores que compõem as unidades de ensino e pesquisa das instituições onde atuam - o que não só reforça a perspectiva de existência de diferentes culturas no âmbito acadêmico, mas revela a imensa multiplicação das “duas culturas”, de Snow.

Demonstrando um posicionamento nesta direção, Pombo (2005, p. 08) destaca que a própria ciência acabou por tornar-se “uma enorme organização dividida internamente por inúmeras comunidades de pares, cada uma com os seus congressos, as suas revistas, as suas bibliotecas, os seus territórios, os seus espaços institucionais, etc.”. Trata-se de culturas e subculturas cristalizadas nas instituições universitárias nos chamados “departamentos” (LEIS, 2005), opção estrutural, tradicionalmente disciplinar, que, de acordo com o autor acabou por conduzir as universidades a um distanciamento da sua vocação para os novos desafios nos campos do ensino e da pesquisa.

Raynaut (2011, p 86) também salienta que as fronteiras disciplinares acabaram refletindo-se em divisões nas instituições, principalmente nas universitárias, divisões, que ao poucos transformaram-se em verdadeiras “redes de interações privilegiadas, quadros de afirmação de identidade intelectual e, por fim, em territórios de poder”. Neste sentido, o autor revela tratar-se de uma questão que extrapola o aspecto estrutural (elemento que compõe a parte visível da cultura), apresentando-se como um grande desafio (devido a elementos não tão visíveis da cultura, como é o caso das relações de poder estabelecidas) para os gestores e integrantes da academia que pretendem vislumbrar uma cultura interdisciplinar em suas instituições.

Destaca-se que, no próprio no Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG 2011-2020) encontra-se registrado o reconhecimento acerca do desafio enfrentado por docentes e pesquisadores que atuam junto a cursos e programas interdisciplinares, em termos de conquistarem espaços adequados em suas instituições, visto encontrarem-se inseridos “em um ambiente acadêmico refratário a novas experiências, encastrado nas especialidades e imerso

numa cultura pesadamente disciplinar [...].” (BRASIL, 2010, p. 133), em boa parte retratada em verdadeiros “muros invisíveis” erguidos entre os departamentos.

Neste entorno, a adoção de políticas institucionais fomentadoras da interdisciplinaridade são vitais para que a universidade apresente um ambiente propício às práticas de ensino, pesquisa e produção de conhecimento com ênfase interdisciplinar, cumprindo papel imprescindível para que seja promovida uma cultura institucional de valorização (ZANETTINI-RIBEIRO; FRANCO; BORDIGNON, 2013) e legitimação da interdisciplinaridade, fazendo com que sua prática passe à categoria de elemento caracterizador da cultura universitária contemporânea.

Audy e Morosini (2007, p. 518) discorrem neste sentido, destacando a importância dos gestores universitários adotarem mecanismos institucionais inovadores, visto que “o desafio da interdisciplinaridade e da integração ensino/pesquisa e extensão requer uma nova organização (mecanismos institucionais) e projetos que propiciem o ambiente adequado para o desenvolvimento de uma nova cultura institucional”.

Nesta esteira, Bordas (2007) destaca que a perspectiva interdisciplinar constitui-se em uma verdadeira inovação, a qual prescindirá, para consolidar-se, que diversas barreiras sejam transpostas, as quais Buanes e Jentoft (2009) classificam em: a) estruturais: caracterizadas como bastante visíveis, sendo as mais fáceis de serem enfrentadas e modificadas; b) culturais: mais difíceis de serem visualizadas do que as estruturais (devido aos elementos invisíveis que compõem a cultura organizacional); apresentam um caráter bastante complexo, sendo, portanto, mais difíceis de abordar, além de pouco suscetíveis a soluções regulatórias; c) e, por fim, as barreiras cognitivas (KERN *et al.*, 2011).

Tornar concreta uma perspectiva inovadora nessas instituições [universidades] é um **empreendimento complexo e difícil, pois implica enfraquecer ou mesmo romper padrões de pensamento e ação fortemente estabelecidos** e instaurar algumas condições básicas institucionais ou relativas aos agentes que nela atuam, que assegurem a possibilidade e a continuidade de uma mudança na própria visão da missão que lhe cabe (BORDAS, 2007, p. 81, grifo nosso).

Raynaut também contribui com a discussão ao salientar as implicações que a interdisciplinaridade traz à tona:

A interdisciplinaridade [...]. Implica também, fundamentalmente, o desejo de aprender com os outros e na **ausência de toda postura defensiva de um território de poder simbólico ou institucional**. Sem, dúvida, é **aqui que se encontram os obstáculos mais evidentes** para a colaboração interdisciplinar. (RAYNAUT, 2001, p. 103, grifo nosso).

Desse modo, tem-se claro, tendo como base os autores citados que a interdisciplinaridade ao tratar-se de um processo que exige mudanças no modo de abordar a realidade, tanto no âmbito da formação, quanto na investigação científica, prescinde de uma verdadeira mudança de mentalidade – uma reforma do pensamento (MORIN, 1999), tanto no âmbito individual, como na esfera institucional (mudança da cultura institucional) – o que não ocorre de forma mecânica, nem com a rapidez com que muitos gurus da administração anunciam. Trata-se de um processo, de um verdadeiro investimento com o olhar voltado para o futuro, exigente, dentre diversos aspectos de gestores que efetivamente acreditem na proposta da interdisciplinaridade.

5 CONCLUSÃO

Após as breves considerações explanadas no transcorrer desta reflexão, reforça-se a constatação do quanto a interdisciplinaridade torna-se imprescindível para fazer frente ao cenário de um mundo permeado por problemas de elevada complexidade, os quais estão a desafiar a ciência contemporânea. Neste contexto, a universidade como *locus* privilegiado de construção do conhecimento e, como instituição comprometida com a sociedade que a abriga não pode se eximir da responsabilidade de configurar um cenário organizacional propício ao desenvolvimento de um conhecimento científico inovador – o conhecimento interdisciplinar.

Diversos são os obstáculos institucionais à interdisciplinaridade, sendo apresentados nesta oportunidade apenas alguns dos mais recorrentemente citados na literatura (estrutura departamental e cultura disciplinar), porém, estes certamente não podem ser caracterizados como intransponíveis, ainda que exijam inúmeros esforços para tornarem-se mais permeáveis à proposta.

Existem e existirão resistências à prática interdisciplinar, não restam dúvidas, até porque a mesma rompe com crenças profundamente enraizadas, muitas vezes desestabilizando docentes e pesquisadores ao verem suas certezas e verdades intelectuais sendo questionadas, ao mesmo tempo em que se lançam em um terreno até então desconhecido. Soma-se ainda, a tais questões, um aspecto nem sempre tão visível, que diz respeito ao receio de verem ameaçados os seus territórios de poder, historicamente estabelecidos.

Antes de finalizar, importante destacar as palavras de Ribeiro, Zanirato e Villar (2011, p. 678) no sentido de que a universidade ainda se mantém “[...] sensível ao novo e disposta a absorver os desafios institucionais para responder aos problemas do complexo

mundo em que vivemos, apesar das dificuldades e resistências dos que defendem os modelos disciplinares clássicos” – palavras nas quais a autora acredita firmemente.

Além disso, acredita-se, também, existir um caminho (mais curto para algumas instituições, mais longo para outras) a ser trilhado para que a interdisciplinaridade possa configurar-se dentre os elementos culturais das instituições universitárias brasileiras (exigindo para tanto, uma verdadeira mudança cultural) – aspecto que, entende-se representar o maior desafio a ser enfrentado, exigindo o empenho dos gestores no sentido de promover ações continuadas de sensibilização da comunidade universitária quanto à abertura ao novo.

Por fim, esclarece-se que este trabalho reflete um primeiro passo em direção a um profundo mergulho em estudos e pesquisas voltadas aos desafios institucionais à interdisciplinaridade, enfocando-se, em especial, a dimensão cultural das instituições universitárias.

**INTERDISCIPLINARITY CULTURE AND CHALLENGES IN
INSTITUTIONAL CONTEXT:
an initial reflection**

ABSTRACT

The interdisciplinarity has set as one of the most discussed topics in the scientific and academic community. Such centrality accorded to the subject derives from the challenges gifted high complexity that are being posed to modern science; for which the fragmented and disciplinary knowledge characteristic has failed to equate. Thus, the production of interdisciplinary knowledge emerges as an alternative, an important way to go. In this environment, this work raises an initial reflection on the obstacles and challenges posed to the university and their managers to interdisciplinary practice through the set elements among members of the university culture.

Keywords: Interdisciplinarity. University Culture. Change of mentality.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Augusta Tereza; PHILIPPI JR, Arlindo; SOMMERMAN, Américo;
ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; FERNANDEZ, Valdir. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, Arlindo;

SILVA NETO, Antônio J. Silva (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa. Inovação e Universidade: potenciais implicações na PUCRS. In: _____ ; _____. (Orgs.) **Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

AXT, Margarete; LIMA, José Valdeni; VICARI, Rosa Maria; TAROUCO, Liane Margarida Rosenbach. Interdisciplinaridade na ótica do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

BONACELLI, Maria Beatriz M. Além das fronteiras: a interdisciplinaridade para a interação entre (novos) conhecimentos. **Revista Ensino Superior**, n. 12, jan/mar 2014, p. 48-52.

BORDAS, Méron Campos. A interdisciplinaridade na universidade: possibilidades e limites. In: FRANCO, Maria Estela Dal Pai; KRAHE, Elizabeth Diefenthaeler (Orgs). **Pedagogia Universitária e Áreas de Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BUANES, Arild.; JENTOFT, Svein. **Building bridges**: institutional perspectives on interdisciplinarity. *Futures*, v.41, n. 7, p. 446-454, set. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020**. Coordenação de Pessoal de Nível Superior. Brasília, DF: CAPES, 2010.

CAPES. Interdisciplinaridade como desafio para o avanço da ciência e tecnologia. In: PHILIPPI JR, A. et al. (Orgs) **Coordenação de área interdisciplinar**: catálogo de programas de pós-graduação – mestrado e doutorado. Brasília: CAInter/Capes, 2008.

_____. **Encontro debate a questão da interdisciplinaridade nas universidades brasileiras**. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/36-noticias/6943-encontro-debate-a-questao-da-interdisciplinaridade-nas-universidades-brasileiras> >. Acesso em: 16 jun. 2014.

_____. **Área Interdisciplinar**: Mestrados / Doutorados reconhecidos. Disponível em: < <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarArea&identificador=45> > . Acesso em: 07 jul. 2014.

FLEURY, Maria Teresa Leme. O desvendar a cultura de uma organização – uma discussão metodológica. In: FLEURY, Maria Teresa Leme; FISCHER, Rosa Maria (Coords). **Cultura e Poder nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2010.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura Organizacional**: evolução e crítica. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Universidade Pública em Busca da Excelência: Grupos de Pesquisa como Espaços de Produção do Conhecimento. In: FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LONGHI, Solange Maria; RAMOS, Maria da Graça. **Universidade e Pesquisa**: espaços de produção do conhecimento. Pelotas: EdUFPel, 2009.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; LONGHI, Solange Maria; KRAHE, Elizabeth Diefenthaeler. Interdisciplinaridade e Formatos Institucionais. Simpósio

Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão – Região Sul (SIIPE – Sul), 23 - 25 out., 2013, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: EGC/UFSC, 2013. [Recurso eletrônico] ISBN 978-85-61115-04-3. Disponível em: <<http://www.siipe.ufsc.br/anais>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; RUBIN O., Marlize. University and Knowledge Production: issues and opportunities. Prepared for delivery at the 2012. **XXX INTERNATIONAL CONGRESS OF LASA** **International Congress of Lasa: The Latin American Studies Association**, San Francisco, California, may 23-26, 2012.

KERN, Vinícius Medina; MALDONADO, Maurício Uriona; FREIRE, Patrícia de Sá; PACHECO, Roberto Carlos dos Santos. Construção da interdisciplinaridade para a inovação. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

KLEIN, Julie Thompson. **Humanities, culture and interdisciplinarity: the Changing American Academy**. Albany: State University of New York Press, 2005.

LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

_____. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 73, Ago. 2005.

LENOIR, Yves; HASNI, Abdelkrim. La Interdisciplinaridad: por un matrimonio abierto de la razón, de la mano y del corazón. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 35, 2004, p. 167-185.

LUZZI, Daniel Angel; PHILIPPI JR, Arlindo. Interdisciplinaridade, pedagogia e didática da complexidade na formação superior. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo, NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Orgs). **O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

RAMOS, Maria da Graça G. Pesquisa na Universidade e Espaços de Produção: sinalizando caminhos. In: FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LONGHI, Solange Maria; RAMOS, Maria da Graça. **Universidade e Pesquisa: espaços de produção do conhecimento**. Pelotas: EdUFPel, 2009.

RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia Helena; VILLAR, Pilar Carolina. **Dilemas da gestão e produção do conhecimento interdisciplinar**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. Silva. (Editores). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

RUBIN, Marlize O. **Produção de Conhecimento Científico: Pós- Graduação Interdisciplinar (stricto sensu) na relação sociedade-natureza**. Porto Alegre, 2011. 167 f. + Apêndices. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna . **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 46-71, ago. 1988. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/eav/article/view/8489/10040>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

SCHEIN, Edgar. Coming to a new awareness of organizational culture. **Sloan Management Review**, 1984.

SNOW, Charles Percy. **The two cultures**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ZANETTINI-RIBEIRO, Cristina; FRANCO, Maria Estela Dal Pai; BORDIGNON, Luciane Spanhol. Práticas de perspectiva interdisciplinar: categorias emergentes. Simpósio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão – Região Sul (SIIPE – Sul), 23 – 25 out., 2013, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: EGC/UFSC, 2013. [Recurso eletrônico] ISBN 978-85-61115-04-3. Disponível em: <<http://www.siipe.ufsc.br/anais>> .Acesso em: 04 jan. 2014.